

nº 05 - ano 1
Agosto - Setembro
2009

Região
Centro-Oeste

Boletim Siarma



Coordenação

Prof. José Vicente Caixeta Filho

Equipe

André Araújo, André Cuevas, André Tambelli, Augusto Gameiro,
Bruno Oliveira, Carolina Oliveira, Ciro Oliva, Daniela Passoni,
Diogo Levez, Emília Marinho, Fernando Rocha, Guilherme Bunadio,
João Loreti, José Branco, Maria Pinheiro, Mariana Stefanini,
Maristela Minatel, Matheus Bueno, Paulo Cintra, Priscilla Nunes,
Rhuana Reijers, Ricardo Bull, Roberto Silva, Thiago Canale,
Vanessa Rubia

Grupo de Pesquisa e Extensão em
Logística Agroindustrial





Sobre o ESALQ-LOG

O ESALQ-LOG – Grupo de Pesquisa e Extensão em Logística Agroindustrial – está institucionalmente ligado ao Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Universidade de São Paulo, campus “Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP), e vem desenvolvendo atividades de pesquisa e extensão relacionadas à Logística Agroindustrial, desde o início da década de 90, destacando-se nos cenários internacional e nacional como uma das principais referências nessa área de conhecimento.

O Grupo ESALQ-LOG foi reconhecido pela Comissão de Cultura e Extensão da ESALQ/USP em 2003 e cadastrado como Grupo de Pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 2004.

A formalização de um Grupo de Extensão no âmbito do Serviço de Cultura e Extensão Universitária da ESALQ é uma forma de possibilitar maior visibilidade e, conseqüentemente, uma maior interação da comunidade acadêmica com a sociedade em geral no que se diz respeito ao aprofundamento da temática Logística Agroindustrial.

Sobre o Siarma

O Siarma – Sistema de Informações de Armazenagem – é um projeto do ESALQ-LOG que envolve pesquisas sobre as principais características do armazenamento de cargas em ambiente artificial, com destaque para produtos agrícolas.

A partir da análise de fluxos de carga e sazonalidade de armazenamento, custos de armazenagem e informações qualitativas sobre o mercado agrícola, o SIARMA levanta informações que, de maneira integrada com o SIFRECA (Sistema de Informações de Fretes), tem se mostrado essenciais ao dimensionamento de projetos logísticos voltados para os complexos agroindustriais.

As informações relacionadas à localização, capacidade, estrutura tecnológica e custos de armazenagem vêm sendo disponibilizadas no site do grupo – <http://log.esalq.usp.br> Trabalhos temáticos relacionados à análise das informações levantadas através do SIARMA podem ser solicitados ao ESALQ-LOG.



Análise sobre a Safra de Grãos

Em seu último acompanhamento de safra, a CONAB alterou os valores referentes à área plantada com grãos, aumentando para 47,7 milhões de hectares na safra 2008/09 – aumento de 0,5% em relação à previsão passada. Mantendo o diagnóstico da análise anterior, espera-se aumento de 416,1 mil hectares na área a ser plantada com soja, entretanto as áreas destinadas ao cultivo de milho serão reduzidas em 639,7 mil hectares, somando-se primeira e segunda safra.

Quanto à produção de grãos, a expectativa, agora menos pessimista, é de 134,5 milhões de toneladas, sinalizando contração de 6,7% em relação ao período anterior – decomposta em redução de 8,4 milhões de toneladas de milho e 2,9 milhões de toneladas de soja – outra vez justificada pela intensa estiagem nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul.

Os baixos preços vigentes para o milho vêm impactando negativamente a região Centro-Sul, que abrange 65,7% da área cultivada com o cereal no país. A estiagem adiou o plantio do milho primeira safra e reduziu a produtividade da segunda. Quanto à soja, o Rio Grande do Sul é, mais uma vez, destaque negativo devido à adversidades climáticas, em contrapartida ao aumento obtido pela região Nordeste. A quebra de safra da soja, aliada à redução de produtividade, deu-se pelos elevados custos de produção, expectativas de mercado e atraso das chuvas nos Estados de Mato Grosso e Goiás, derivando na atratividade de outras culturas, como milho e algodão.

Informações regionais (Região Centro-Oeste)

Na região Centro-Oeste a colheita do milho safrinha foi concluída e o cenário atual revela elevadas quantidades estocadas, enquanto o fluxo de escoamento é lento. O preço do cereal melhorou desde o início da safra e a expectativa é de aumento dos preços para as próximas semanas, uma vez que a colheita da safra norte-americana foi adiada pelo atraso da maturação do grão, além da quebra de safra chinesa, em cerca de 10%, aumentando suas importações de milho.

Alguns produtores vêm comercializando o produto mesmo perante o descontentamento pelos valores pagos, visto que não há certeza de que futuras



negociações resultarão em melhores receitas, devido aos gastos com o armazenamento prolongado. A venda do produto vem acontecendo através de incentivos do Governo como o PEP (Prêmio para o Escoamento da Produção), através do qual o Governo paga a diferença entre o preço de mercado e o preço mínimo.

Como alternativa aos baixos preços que estão sendo comercializados, os produtores de milho optaram pelo armazenamento do grão, entretanto o déficit de infraestrutura suficiente para atender essa demanda no Mato Grosso resultou no armazenamento de grandes volumes de milho a céu aberto. Essa prática promoveu perda na qualidade do cereal, que será destinado ao processamento industrial, para a obtenção de ração animal, enquanto o milho mantido nos silos deverá ser comercializado até janeiro de 2010, quando a colheita da soja da safra 2009/10 se iniciará.

O Mato Grosso do Sul não tem enfrentado problemas no setor de armazenamento, entretanto foi possível notar perdas de cerca de 50% na safra do milho em função da má distribuição das chuvas: escassez durante o desenvolvimento da cultura e excesso no período da colheita. Os produtores sul-mato-grossenses também estão sendo beneficiados pelo incentivo governamental à comercialização do produto, sendo o milho escoado principalmente para os Estados da Região Sul, onde há grande concentração de granjas.

O Estado de Goiás tem destinado os maiores volumes de milho para as processadoras goianas do que para outras localidades. Por possuírem sistema de armazenamento próprio, grandes empresas exportadoras aguardam melhores momentos para negociações.

Em relação ao armazenamento de soja a quantidade da oleaginosa é reduzida, principalmente, principalmente no Estado do Mato Grosso do Sul. Nos estados do Mato Grosso e Goiás o volume estocado é sensivelmente maior, o qual deve ser escoado em ritmo lento, porém contínuo, para que haja espaço livre para o recebimento da soja da safra 2009/2010.



I. Caracterização Agrícola

1. Lei de Armazenagem

Salientando a importância das unidades armazenadoras de produtos agrícolas para a produção do país, uma das diretrizes do Governo é estabelecer uma série de procedimentos que visem modernizar as atividades de estocagem e conservação dos produtos, aumentando a qualidade do serviço prestado e a eficiência do uso de insumos pelo armazém. Com tal intuito, foram criadas novas leis relacionadas às construções, instalações e funcionamento de tais unidades armazenadoras.

Tais regras visam enquadrar os armazéns dentro de padrões previamente definidos com relação a seus processos, o que os levará, em caso de conformidade com todos os requisitos, à obtenção da certificação que garante ao estabelecimento reconhecimento pela sua competência técnica desejada para a realização de serviços específicos de armazenagem para terceiros. Com prazos definidos, uma série de requisitos, obrigatórios, e até mesmo alguns facultativos, devem ser atendidos para que a unidade armazenadora consiga obter a certificação. Certificação esta que passa a ser exigida, a partir de 1º de janeiro de 2010, de todos os tipos de unidades armazenadoras que prestam serviços a terceiros ou ao Governo, sejam estas unidades armazenadoras em nível de fazenda, unidades armazenadoras coletoras, unidade armazenadoras intermediárias ou unidades armazenadoras terminais.

Inicialmente, adotou-se como requisito o cadastramento da unidade armazenadora perante a CONAB, e esta é uma exigência para todos os tipos de armazéns. No que tange às **Normas Ambientais**, cada unidade deve possuir um sistema adequado de drenagem, não estar localizada em áreas ilegais de acordo com as leis ambientais, tanto no que diz respeito às atividades industriais próximas a centros urbanos, quanto à proteção dos mananciais, da vegetação e do solo.

Quanto à infraestrutura da unidade armazenadora, esta deve apresentar basicamente três subdivisões, segundo a **Instrução Normativa 12**:

- Infraestrutura viária: todos os tipos de armazéns devem garantir estradas que viabilizem fluxo de veículos permanentemente, e estas devem apresentar



sinalizações coerentes. Para as unidades armazenadoras coletoras, intermediárias e terminais, a pavimentação nas vias de acesso até o interior do pátio é obrigatória.

- Comunicação: é obrigatório, já para o primeiro ano de vigor da lei, que os armazéns tenham meios de comunicações permanentes, permitindo-os entrar em contato com o público externo a qualquer hora.
- Energia elétrica: as unidades armazenadoras devem ser dotadas de energia elétrica, para que possam dar sequência às atividades operacionais, que vão desde o recebimento até a expedição do produto.

As unidades armazenadoras deverão também possuir métodos de isolamento de sua área, sendo que o mais recomendado são cercas ao redor dos prédios e instalações. O isolamento propriamente dito tem por objetivo impedir o acesso de pessoas estranhas e até mesmo de animais às instalações, evitando a danificação dos produtos armazenados. O acesso às mesmas deverá ocorrer por meio de portões que não podem ficar abertos indiscriminadamente. Nos ambientes de atendimento ao público, todos os tipos de armazéns devem possuir também adequada instalação sanitária. Esta também deve estar presente para atender os funcionários da unidade.

O escritório central do estabelecimento deve possuir um ambiente específico para o arquivamento de documentos e demais materiais, bem como um grau mínimo de informatização, possibilitando a geração de relatórios pertinentes a entradas e saídas, saldos de estoques, produto e proprietário. Esta exigência irá contribuir de forma significativa para a gestão do armazém, e seu acompanhamento ao longo dos anos.

No caso de armazéns convencionais, é obrigatória, para o sistema de pesagem da unidade, a existência de uma balança de plataforma móvel, nas quatro categorias de armazéns. Se houver presença de silos, é obrigatória a existência de uma balança de plataforma rodoviária. Com base na legislação brasileira, todas as balanças devem ser aferidas pelo INMETRO (Instituto Nacional de Metrologia, Normatização e Qualidade Industrial), e tal aferição deve ser comprovada por meio de um certificado emitido pelos Institutos de Pesos e Medidas (IPEMs).



Será necessária, com a nova legislação, a utilização de um sistema de armazenagem mais refinado, com tecnologias que devam atender especificamente ao tipo do armazém (convencional ou granel). Outro ponto relevante, ainda com relação ao sistema de armazenagem, é o arquivo de amostras: todas as unidades deverão ter um arquivo para o armazenamento de amostras dos produtos, para o caso de alguma reclamação por parte dos clientes. Também é necessário que o armazém possua um recinto especializado para a análise de amostras. Neste, deve estar presente uma balança com precisão mínima de 0,1 gramas, para uso na classificação dos grãos.

Todos os armazéns, exceto os classificados como terminais, devem apresentar obrigatoriamente sistemas de limpeza e secagem. O primeiro tem como objetivo reduzir o teor de impurezas e do material estranho existente no volume dos grãos, garantindo uma boa conservação dos mesmos, enquanto a secagem é o processo pelo qual é reduzida a umidade da massa de grãos. Uma prática recomendada, porém não obrigatória, é a utilização de espalhadores de grãos em armazéns de produto a granel.

Independentemente da existência de equipe própria ou da contratação de empresas prestadoras de serviços, os armazéns ser dotados de um sistema em que haja a descrição e documentação da limpeza e higienização da estrutura armazenadora. No que diz respeito ao controle de pragas, o armazém deve possuir equipamentos e acessórios adequados. Caso o armazém não detenha tal estrutura, há a possibilidade de contratação de terceiros para a execução destes serviços.

Todos os armazéns deverão cumprir as novas regras de segurança propostas pela nova lei. Tais regras variam desde a obtenção de equipamentos para a proteção dos trabalhadores (proteções individuais e coletivas) até a obtenção de sistemas de ventilação para ambientes confinados e semiconfinados. Essa última regra se dá devido à possibilidade de que o armazém a granel acumule gases tóxicos, que precisam ser liberados para não comprometer a saúde dos funcionários da unidade.

Entre outros requisitos, deve-se salientar também que toda unidade armazenadora deverá contar com um responsável técnico, devidamente registrado no CREA – Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Outro requisito importante é o controle das ocorrências operacionais, referente aos estoques depositados, desde o seu recebimento até a sua expedição. Esse registro



possibilitará a rastreabilidade do produto ao longo de toda a cadeia logística, desde a propriedade rural até os procedimentos que foram adotados durante o período no qual o produto ficou armazenado.

2. Procedimentos

Inicialmente, a unidade armazenadora, já ciente das normas exigidas, solicita a certificação. A empresa autorizada para realizar a certificação analisará a documentação exigida e, caso ela esteja em conformidade com a lei, terá início a emissão do termo de adesão, que deverá ser assinado pela empresa armazenadora e devolvido à certificadora.

Existe uma etapa opcional denominada pré-auditoria, a qual pode ocorrer antes da auditoria inicial. Essas auditorias visam avaliar a ocorrência de possíveis não-conformidades das instalações em relação ao proposto em lei, caso haja constatação de alguma incoerência serão sugeridas propostas de mudança a fim de adequar o armazém à legislação. Caso contrário, é emitido o certificado da unidade armazenadora, que pode ser instantaneamente utilizado como estratégia de marketing na diferenciação de seus serviços perante as unidades não certificadas.

Periodicamente serão feitas novas vistorias nas unidades certificadas, para verificar se estão se mantendo adequadas às exigências e detectar não-conformidades que possam ter passado despercebidas na(s) auditoria(s).

O processo de certificação é simples, contudo algumas dificuldades já podem ser observadas: não existem empresas certificadoras em quantidade suficiente para atender as inúmeras unidades armazenadoras, podendo tornar o processo bastante oneroso. Além disso, é cogitada a possibilidade de que empresas grandes consigam ser vistoriadas antes que as menores, visto seu maior poder de mercado.

A Figura 1 apresenta o fluxograma das etapas supracitadas, referentes ao processo de certificação das unidades armazenadoras.

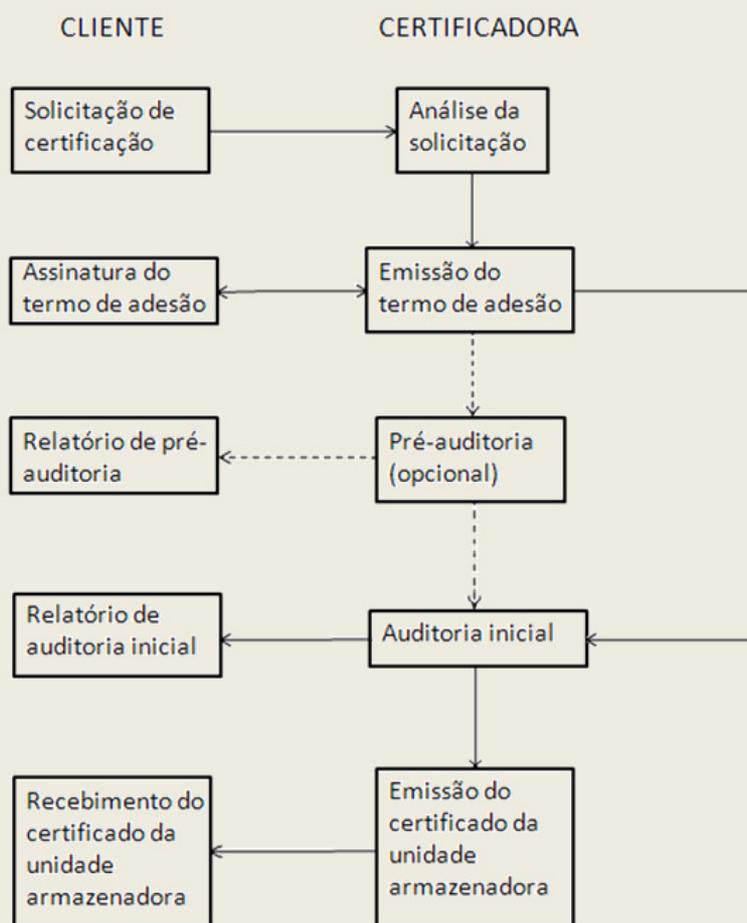


Figura 1. Fluxograma da Certificação.

Fonte: Revista Grãos Brasil (2009)

A fim de facilitar a compreensão de todos os requisitos impostos pela lei, segue uma tabela, elaborada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). A legenda encontra-se ao final da Tabela 1.



Tabela 1. Requisitos necessários à certificação, de acordo com o tipo de armazém

REQUISITOS	NÍVEL FAZENDA		COLETOR		INTERMEDIÁRIO		TERMINAL	
	CONV.	GRANEL	CONV.	GRANEL	CONV.	GRANEL	CONV.	GRANEL
1. CADASTRAMENTO								
Na Conab	1	1	1	1	1	1	1	1
2. LOCALIZAÇÃO								
Topografia	R	R	R	R	R	R	R	R
Drenagem	2	2	2	2	2	2	2	2
Lençol Freático	R	R	R	R	R	R	R	R
Não Proximidade centros urbanos	R	R	R	R	R	R	R	R
Não Proximidade de mananciais	R	R	R	R	R	R	R	R
3. INFRAESTRUTURA								
Viária								
- Acesso permanente	1	1	1	1	1	1	1	1
- Pátio pavimentado	R	R	3	3	4	4	4	4
- Sinalização	1	1	1	1	1	1	1	1
Comunicação	1	1	1	1	1	1	1	1
Energia Elétrica	1	1	1	1	1	1	1	1
4. ISOLAMENTO/ACESSO								
Cerca e portão	1	1	1	1	1	1	1	1
Segurança	R	R	R	R	R	R	R	R
Guarita de controle	R	R	R	R	R	R	R	R
5. AMBIENTE DE ATENDIMENTO AO PÚBLICO								
Estacionamento	R	R	2	2	2	2	2	2
Instalações sanitárias	1	1	1	1	1	1	1	1
Refeitório	R	R	R	R	R	R	R	R
6. ESCRITÓRIO								
Instalações sanitárias	1	1	1	1	1	1	1	1
Arquivos/Almoxarifado	1	1	1	1	1	1	1	1
Informatização (grau de)	1	1	1	1	1	1	1	1
7. SISTEMA DE PESAGEM								
Balança de plataforma móvel	1		1		1		1	
Balança de plataforma rodoviária	R	1	R	1	1	1	1	1
Balança de fluxo								R
8. SISTEMA DE AMOSTRAGEM								
Amostradores básicos								
- Calador para sacaria	1		1		1		1	
- Calador composto (granel)		1		1		1		1
- Amostrador pneumático		R		R		R		R
- Amostrador de fluxo		R		R		R		R
Sonda manual		R		R				
Sistema de Homogeneização	1	1	1	1	1	1	1	1
Arquivo de amostras	1	1	1	1	1	1	1	1

Continuação da Tabela 1

REQUISITOS	NÍVEL FAZENDA		COLETOR		INTERMEDIÁRIO		TERMINAL	
	CONV.	GRANEL	CONV.	GRANEL	CONV.	GRANEL	CONV.	GRANEL
9. DETERMINAÇÃO DE QUALIDADE DO PRODUTO								
Recinto de análise	1	1	1	1	1	1	1	1
Determinador de umidade método indireto	1	1	1	1	1	1	1	1
Determinador de umidade método direto	R	R	R	R	R	R	R	R
Determinador de umidade de fluxo		R		R		R		R
Determinador de impurezas mecânico	R	R	R	R	R	R	R	R
Identificador de transgenia	R	R	R	R	R	R	R	R
Indicador de toxinas	R	R	R	R	R	R	R	R
Balança de precisão	1	1	1	1	1	1	1	1
Balança hectolétrica	R	R	R	R	R	R	R	R
Jogo de peneiras	1	1	1	1	1	1	1	1
Acessórios (lupa, paquímetro, pinças)	R	R	R	R	R	R	R	R
10. SISTEMA DE LIMPEZA								
Sistema de Limpeza	1	1	1	1	1	1	R	R
11. SISTEMA DE SECAGEM								
Sistema de Secagem	1	1	1	1	1	1		R
12. SISTEMA DE MOVIMENTAÇÃO DO PRODUTO								
Moega	1	1	1	1	1	1	1	1
Transporte/movimentação	1	1	1	1	1	1	1	1
13. SISTEMA DE ARMAZENAGEM								
Sistema de controle elétrico	4	4	4	4	4	4	4	4
Sistema de termometria		4		4		4		R
Sistema de aeração		4		4		4		R
Espalhador de grãos		R		R		R		R
Higienização do armazém, instalações físicas	1	1	1	1	1	1	1	1
Controle de pragas e roedores	1	1	1	1	1	1	1	1
Estrados	1		1		1		1	
Sistema de exaustão	4	4	4	4	4	4	4	4
Sistema medição de condições psicrométricas	1	1	1	1	1	1		
Local para guarda de agrotóxico	1	1	1	1	1	1	1	1
14. SISTEMA DE SEGURANÇA								
Sistema captação de material particulado	4	4	4	4	4	4	4	4
Sistema ventilação ambientes confinados		1		1		1		1
Sistema de combate de incêndio	1	1	1	1	1	1	1	1
Indicador ou detector de gases	R	R	R	R	R	R	R	R
Equipamentos Proteção Individual	1	1	1	1	1	1	1	1
Sistema proteção contra fenômenos naturais	R	R	R	R	R	R	R	R
PPRA	1	1	1	1	1	1	1	1

Continuação da Tabela 1

REQUISITOS	NÍVEL FAZENDA		COLETOR		INTERMEDIÁRIO		TERMINAL	
	CONV.	GRANEL	CONV.	GRANEL	CONV.	GRANEL	CONV.	GRANEL
15. DEMAIS REQUISITOS								
Responsável Técnico	1	1	1	1	1	1	1	1
Monitoramento de Resíduos Tóxicos (programa)	R	R	R	R	R	R	R	R
Programa Treinamento e Aperfeiçoamento	1	1	1	1	1	1	1	1
Registros Ocorrências Operacionais	1	1	1	1	1	1	1	1
Monitoramento de Micotoxinas (programa)	R	R	R	R	R	R	R	R
Quadro de Pessoal	1	1	1	1	1	1	1	1
Plano de Manutenção Preventiva e Calibração	R	R	R	R	R	R	R	R

Fonte: MAPA (2009)

Legenda da Tabela 1

- 1** - Requisito obrigatório no momento da vistoria da unidade pela entidade certificadora
- 2** - Requisito obrigatório para todas as unidades armazenadoras cujo início das obras dar-se-á após a homologação pelo MAPA do Sistema Nacional de Certificação de Unidade Armazenadoras
- 3** - Requisito obrigatório que deverá ser cumprido no prazo de até 3 anos após a homologação pelo MAPA do Sistema Nacional de Certificação de Unidades Armazenadoras
- 4** - Requisito obrigatório que deverá ser cumprido no prazo de até 5 anos após a homologação pelo MAPA do Sistema Nacional de Certificação de Unidades Armazenadoras
- R** - Requisito recomendado

3. Contato com os principais agentes do setor

Com o intuito de avaliar a aplicabilidade da lei, o Grupo ESALQ-LOG entrou em contato com os principais agentes do setor de armazenagem nas regiões Sudeste e Centro-Oeste e também com algumas superintendências estaduais CONAB.

De maneira geral, os agentes percebem e valorizam esta ação do Governo, e acreditam que possa haver substancial aumento da qualidade dos serviços de armazenagem, bem como do aumento da eficiência dos processos, refletindo positivamente para o consumidor final. De fato, já existem unidades certificadas pertencentes a grandes *trades* nos estados de Mato Grosso e Minas Gerais. Porém,



existem diversos problemas no âmbito operacional, que estão relacionados a esta lei, os quais serão abordados, sucintamente, a seguir.

Segundo entidades do Governo Federal, exigências como ventilação, termometria e pavimentação nas áreas de manobra são essenciais, porém uma das principais barreiras em sua implantação é o oneroso investimento demandado. Ainda não foi definida a entidade responsável pelo financiamento destes investimentos, evitando que os mesmos não recaiam somente sobre os clientes de armazéns certificados que prestem serviços.

Em contrapartida, ao implantar os requisitos técnicos torna-se possível a rastreabilidade do produto ao longo de toda a cadeia logística, tal vantagem revela-se importante, principalmente, na exportação de produtos. Muitos clientes estrangeiros exigem elevados níveis de qualidade do produto e a rastreabilidade torna-se indispensável para se demonstrar que um lote possui as características de qualidade que lhe são atribuídas.

O armazenamento a céu aberto, muito comum na época de safrinha do milho nos Estados da região Centro-Oeste, deve ser suprimido gradativamente, o que é extremamente benéfico para o setor, pois além de reduzir os níveis de perdas físicas permite a manutenção da qualidade dos grãos.

Segundo informações provenientes de agentes de mercado, como ainda não foram definidos os processos e a periodicidade da fiscalização e nem se haverá penalizações financeiras, ainda não é possível prever se a lei de fato irá ocasionar uma grande mudança na maior parte dos armazéns prestadores de serviço. Porém, as entidades do Governo indicam que os próprios clientes dos armazéns começarão, em breve, a cobrar pela certificação.

Os agentes contatados também chamaram a atenção para o fato de que existe um pequeno número de empresas certificadoras (em torno de oito), o que pode tornar o processo mais lento. Uma hipótese levantada é a de que o Governo, no caso de empresas que possuam diversas unidades armazenadoras e que precisem de um investimento demasiadamente alto para se adequarem a lei, aplique a necessidade de certificação somente a uma porcentagem destas unidades, em um



primeiro momento. Após este período inicial, a porcentagem de unidades a serem certificadas aumentará até atingir a totalidade de unidades da empresa.

A conjuntura dos fatores mencionados permite analisar que, apesar dos elevados custos de implantação, o sistema planejado fomentará um serviço de qualidade, superior à média nacional. Além de contribuir para um maior controle dos produtos agrícolas, através da rastreabilidade, que possui implicações bastante interessantes tanto para os exportadores, que poderão utilizar-se desse diferencial como estratégia de marketing, garantindo a procedência do seu produto, quanto para os importadores, que podem acompanhar o caminho do produto desde a lavoura até o embarque nos terminais.

Esta ação pode evitar os problemas verificados na exportação de outros produtos agrícolas, como, por exemplo, a carne bovina. Anualmente são criadas barreiras, devido ao fato de que alguns exportadores não possuem um sistema de rastreabilidade de seus produtos e um controle adequado de seus processos.

II. Comportamento do frete durante o Bimestre Agosto-Setembro

1. Fretes de Soja

Como visto nos Boletins anteriores, o desenvolvimento de um índice que represente a variação média de frete revela-se uma ferramenta importante para avaliar o comportamento do mercado de fretes em uma região. É importante conhecer a sazonalidade dos preços de frete, pois é um fator de peso na decisão sobre o melhor período de comercializar a produção (visando ganhos logísticos na venda), e também por quanto tempo armazená-la.

Na Figura 2, podemos observar o índice-frete calculado para a região Centro-Oeste, demonstrando a variação do frete rodoviário ao longo de 2009 em relação ao mês de janeiro. Pode-se concluir, a partir desta Figura, que as piores épocas para se movimentar grãos, considerando apenas o frete rodoviário com destino a Paranaguá foram: abril (fretes em torno de 25% maiores que os de janeiro) e maio (fretes 21% maiores que os de janeiro). Da mesma forma no caso da produção com destino a Santos, os piores meses para se movimentar grãos foram os meses de abril (fretes

em torno de 20% maiores que os de janeiro) e maio (fretes em torno de 18% maiores que os de janeiro). Considerando-se os melhores meses para a exportação da soja, observando apenas o preço do frete, os fretes de setembro, com destino o Porto de Paranaguá, mostraram-se 12% maior que o de janeiro, enquanto para o Porto de Santos, o melhor mês foi julho, com fretes 8% maior que os de janeiro.

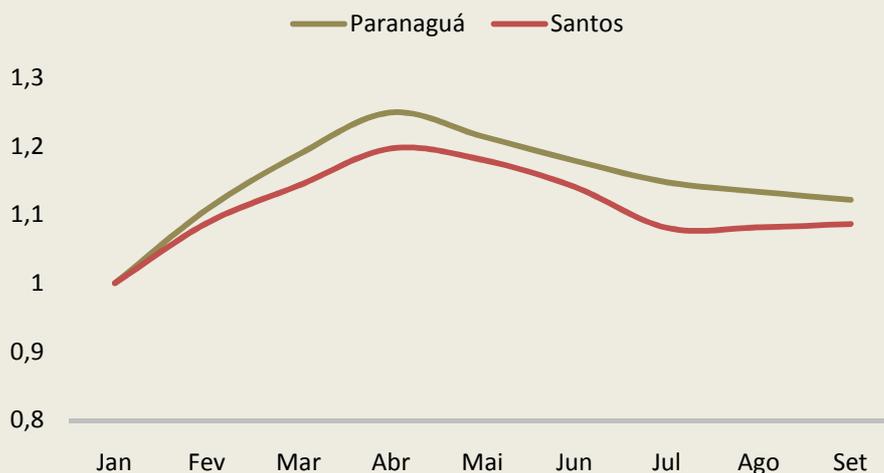


Figura 2. Variação do índice-frete de soja na região Centro-Oeste no ano de 2009, em relação a janeiro

Fonte: ESALQ-LOG (2009)

A Figura 3 demonstra a média dos preços de frete praticados na região Centro-Oeste a cada mês, em R\$/ tonelada. Para estes cálculos, foram utilizados os fretes praticados nas principais regiões produtoras de MT, MS e GO, com destinos os Portos de Paranaguá-PR e Santos-SP. O preço do frete de exportação de soja, em 2009, apresentou picos nos meses de abril e maio, e a partir de então segue uma tendência baixista. Foram registrados fretes de R\$ 137,20/t no mês de abril e R\$ 133,35/t em maio, com destino ao Porto de Paranaguá, enquanto que para o Porto de Santos foram cotados a R\$ 139,33/t e R\$ 137,39/t, respectivamente.

No caso da soja destinada a Paranaguá, o menor preço de frete, de R\$ 123,19/t, foi observado em setembro. A produção destinada a Santos, por outro lado, observou um menor preço de frete em julho, de R\$ 125,85/t.

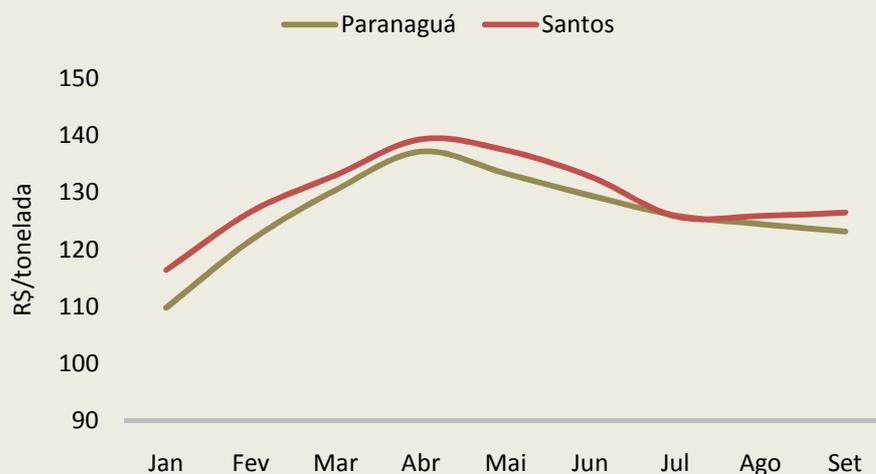


Figura 3. Variação dos valores médios de fretes de soja, em rotas de exportação, da região Centro-Oeste, no ano de 2009.

Fonte: ESALQ-LOG (2009)

III. Preço do Produto

1. Milho

Durante o mês de setembro, os preços do milho no mercado físico apresentaram ligeira redução, uma vez que as pressões internas estão altas devido: ao excesso de oferta do produto, à necessidade de fazer caixa por alguns produtores, além do desaquecimento da demanda nos mercados interno e externo (Figura 4).

Entretanto, as primeiras estimativas de redução da safra de verão tem mantido os preços estáveis. Especialistas aguardam por gradual recuperação do preço do milho, visto o atraso na maturação da safra norte-americana e a redução da safra Argentina, além da quebra de 10% na safra chinesa – país que era auto-suficiente na produção do grão também deve colaborar para o aumento da demanda e, conseqüentemente, para a valorização da commodity.

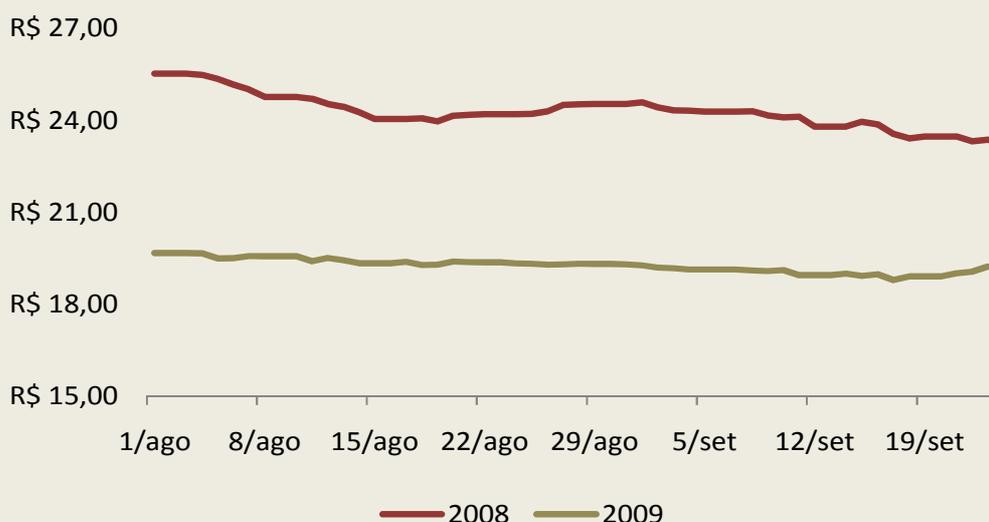


Figura 4. Variação do preço da saca de milho durante o bimestre agosto-setembro

Fonte: CEPEA (2009)

De acordo com a rede de notícias *Bloomberg*, as lavouras nos EUA estão bem atrás do ritmo dos últimos anos, principalmente pelos atrasos no plantio, em maio, e às temperaturas abaixo do normal registradas em julho e agosto, que atrasaram o desenvolvimento das plantas. Apenas 5% do milho havia sido colhido até o final de setembro, nos EUA, segundo informações do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos). No ano passado a área colhida correspondia a 8% do total, enquanto que a média do último quinquênio era de 18%.

A produção na China, o segundo maior produtor e consumidor do mundo, deve cair 10%, para 148,8 milhões de toneladas, vindo de 165,9 milhões de toneladas no ano passado. Segundo o Conselho de Grãos dos EUA, a quebra de safra se deve à forte estiagem no país. A Argentina, segundo maior exportador, deve plantar a menor safra em duas décadas, depois que o Governo impôs restrições na exportação, desestimulando os produtores.

De acordo com dados divulgados pelo Cepea (ESALQ/ USP), verifica-se tendência de aumento no preço do milho a partir de meados de setembro, conforme pode ser observado na Figura 5. A série de variação do preço ao longo do ano possibilita a visualização da inconstância dos preços e quão menores estão, em relação ao ano passado.

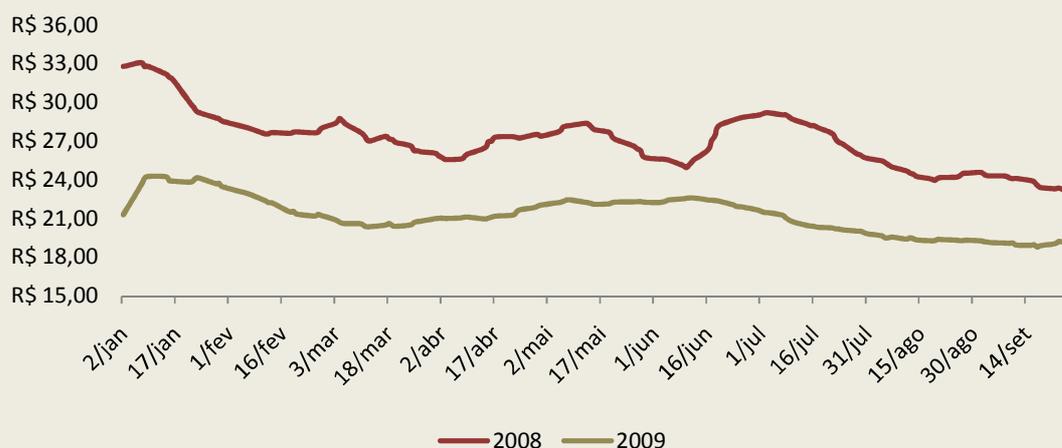


Figura 5. Variação do preço da saca de milho durante o ano

Fonte: CEPEA (2009)

O Ministério da Agricultura realizou leilão de Prêmio para Escoamento de Produtos (PEP) para apoiar a comercialização de 800 mil toneladas de milho. O objetivo dessa intervenção estatal é deslocar o produto de regiões com excedente para as deficitárias. Em toneladas, o milho é proveniente de Mato Grosso (totalizando 590 mil), Goiás e Distrito Federal, juntos (60 mil), Bahia (40 mil), Mato Grosso do Sul e Minas Gerais (30 mil cada) e do Maranhão, Piauí, Rondônia, Tocantins e Paraná (10 mil toneladas cada um).

Segundo informações divulgadas pelo Departamento de Comercialização e Abastecimento Agrícola do MAPA, desde janeiro, o Ministério da Agricultura apoiou mais de 7,8 milhões de toneladas para a comercialização do milho, quando mais de R\$ 1 milhão foi destinado a essas operações. Só com leilões do PEP, foram comercializados, até agora, volume superior a três milhões de toneladas, que correspondem a R\$ 208,1 mil em gastos.

O PEP é um instrumento que busca garantir ao agricultor o preço mínimo, sem a necessidade de o Governo adquirir o produto. Nas operações, é indicada a região para escoamento do produto, de acordo com a necessidade de abastecimento do país. Por esse mecanismo, o Governo executa a política de complementação do abastecimento para as regiões com déficit nessa área e melhora a distribuição dos produtos agrícolas. Toda a tabela de apoio à comercialização do milho desde janeiro pode ser conferida no site do ministério (www.agricultura.gov.br).



2. Soja

Em agosto, os preços internacionais da soja apresentaram queda devido ao clima favorável ao desenvolvimento das lavouras dos Estados Unidos, que seguem apontando uma produção recorde para o país. Com base em análises do Cepea (ESALQ/USP), as ameaças de seca e de geadas que poderiam ocorrer nas lavouras norte-americanas foram superadas, mantendo a tendência baixista nas cotações da oleaginosa na Bolsa de Chicago.

A Figura 6 retrata a variação do preço da soja ao longo dos anos de 2008 e 2009, através do qual é possível confirmar a tendência de queda do preço da soja a partir de meados de agosto, seguida por significativa recuperação, mas as últimas cotações revelam os baixos valores.



Figura 6. Variação do preço da saca de soja durante o ano

Fonte: CEPEA (2009)

No Brasil, o fato da baixa demanda, associada à paralisação de algumas esmagadoras em cidades como, Rio Verde-GO, Cuiabá-MT, Uberlândia-MG, estão contribuindo para a queda do preço no mercado interno verificada no mês de setembro. A Figura 7 retrata com maior detalhe o período entre agosto e setembro, sendo possível analisar com maiores detalhes a flutuação dos preços das sacas de soja.

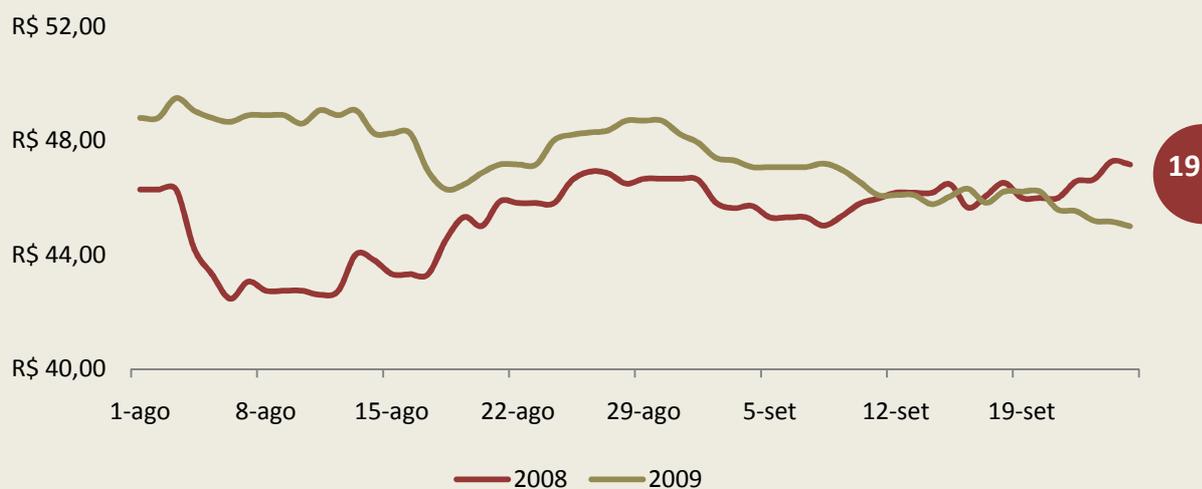


Figura 7. Variação do preço da saca de soja durante o bimestre agosto-setembro

Fonte: CEPEA (2009)

Os custos de produção por hectare de soja diminuíram, em média, 15% no acumulado deste ano – comparação realizada pelo Cepea no período de janeiro a julho, considerando a compra de todo o pacote tecnológico em cada um dos meses.



Próximos Eventos da Região Centro-Oeste

Nome do Evento:	X Seminário Nacional de Milho Safrinha
Empresa Promotora:	Associação Brasileira de Milho e Sorgo
Tipo de Evento:	Seminário
Início do Evento:	24/11/2009
Fim do Evento:	26/11/2009
Cidade:	Rio Verde/GO
Localização do Evento:	Sindicato Rural de Rio Verde
Informações com:	F&B Eventos e Comunicação
Site:	www.fbeventos.com
Telefone:	(43) 3025-5223
E-mail:	milhosafrinha@fbeventos.com

Eventos em outras Regiões

Evento	Data Início	Data Término	Município	UF
XXVI Congresso Brasileiro de Agronomia - CBA 2009	20/10/09	23/10/09	Gramado	RS
76ª Exposição Agropecuária de Dom Pedrito - Farm Show 2009	24/10/09	4/11/09	Dom Pedrito	RS
XVI Congresso Internacional do Trigo - Brasil	25/10/09	27/10/09	São Paulo	SP
II Agronegócio Brasil (AnB)	4/11/09	6/11/09	Curitiba	PR
Exposição Agropecuária, Industrial e Comercial de Cascavel - 30ª Expovel	6/11/09	15/11/09	Cascavel	PR
9ª Semana de Integração das Ciências Agrárias (SICA)	16/11/09	20/11/09	Altamira	PA
11º Congresso de Agribusiness	24/11/09	25/11/09	Rio de Janeiro	RJ
22ª Feira Internacional da Agropecuária - Fenagro 2009	28/11/09	6/12/09	Salvador	BA



Clippings

Colheita do milho safrinha marca ano agrícola com perda em MS

A colheita do milho safrinha em Mato Grosso do Sul está em fase final. A conclusão dos trabalhos deve fechar um ano agrícola marcado pela queda expressiva na produção de grãos: quase 1,5 milhão de toneladas em relação à safra 2007/2008. O volume é consequência, principalmente, da diminuição nas produções de soja (-8,5%), algodão (-17,7%), feijão (- 18,5%) e milho, que só na safrinha deve registrar redução de 37% em relação ao ano passado, menos um milhão de toneladas a menos do grão. A queda reflete a perda de produtividade nas lavouras, resultante de geadas e estiagens prolongadas em algumas regiões.

Com a aproximação do fim da colheita, uma das preocupações dos agricultores passa a ser a venda da produção, afinal é ela que deve garantir parte do capital necessário para cobrir os custos com a próxima safra. Mas, ao contrário do que era esperado, os preços não agradam. A baixa cotação tornou mais atrativa a venda do grão para o Governo Federal, por meio dos *Contratos de Opção*, que foram negociados em março a R\$ 18,40 por saca. Como a maioria destes contratos vence este mês, quando os preços praticados no mercado estão, em média, R\$ 4,00 abaixo deste valor, a expectativa da CONAB é que pelo menos 620 mil toneladas sejam efetivamente comercializadas no Estado.

Fonte: Canal Rural, 24/09/2009

China deve aumentar demanda pela soja brasileira e argentina, prevê Noble

As importações chinesas de soja do Brasil e da Argentina devem aumentar substancialmente nos próximos anos, informou um executivo do grupo Noble, empresa que gerencia e processa produtos agrícolas e commodities. Em entrevista à Reuters, Jaime Teke, responsável pela estrutura financeira da empresa, que fechou a compra de US\$ 850 milhões pelo fundo CIC (Corporação de Investimentos da China), informou que o país tem pouco espaço adequado para aumentar sua própria produção de soja. “Nós não vemos condições favoráveis na China” disse Teke, ao lado de acionistas da América Latina, no Fórum de Investimentos realizado em Beijing, China. “Um dos principais problemas da China é a irrigação. Definitivamente, as importações de soja do Brasil e da Argentina irão aumentar substancialmente”, explica Teke. “A China não tem água. O que estamos fazendo, essencialmente, é importar água na forma de soja e outros grãos”.

Este ano, a China deve importar 40 milhões de toneladas de soja, principalmente dos Estados Unidos, Brasil e Argentina. O volume de importações é muito maior que a safra chinesa de soja, que está em torno de 15 milhões de toneladas.

Fonte: Notícias Agrícolas, 24/09/2009



Primeira safra de milho do Paraná tem 30% da área plantada

A área plantada com milho no Paraná na safra 2009/10 já atinge 30% na avaliação do Departamento de Economia Rural (Deral). Das lavouras semeadas, cerca de 60% já estão em fase de germinação e 40% em desenvolvimento vegetativo. As condições das lavouras oscilam entre médias (1%) e boas (99%). O milho 1ª safra deverá ocupar 995 mil hectares no Estado, área que se confirmada será 22% inferior à última temporada quando os produtores plantaram 1,268 milhão de hectares. Segundo Otmar Hubner, do Deral, o principal fator de retração de área é o preço. O cereal vem sendo negociado a preço inferior ao mínimo de R\$ 16,50 por saca no Estado.

Fonte: Agência Safras, 25/09/2009

Soja: consórcio encontra 8 focos de ferrugem em Goiás e Tocantins

O *Consórcio Antiferrugem*, rede de entidades de pesquisa que monitora a incidência da ferrugem asiática nas lavouras brasileiras, informou hoje que foram identificados oito focos da doença nos municípios de Formoso do Araguaia e Lagoa da Confusão, em Tocantins, e um foco em São Miguel do Araguaia, em Goiás. Os casos surgiram em regiões de várzea, nas quais o cultivo de soja é permitido na entressafra para produção de sementes, plantio de material genético ou para realização de pesquisa científica. Além de Goiás e Tocantins, um foco da doença foi relatado em Mato Grosso do Sul nesta safra.

Fonte: Agência Estado, 25/09/2009

Volume de esmagamento de soja nos EUA fica pouco acima das expectativas

O Census Bureau, instituição estadunidense semelhante ao IBGE, divulgou relatório sobre o esmagamento da soja nas indústrias norte-americanas referente ao mês de agosto. De acordo com levantamento, foram processadas 3,26 milhões de toneladas de soja, volume pouco acima das expectativas do mercado, que esperava 3,24 milhões de toneladas. No mês de julho, o esmagamento foi de 3,52 milhões de toneladas. Já em agosto de 2008, as indústrias haviam processado 3,50 milhões de toneladas.

Fonte: Notícias Agrícolas, 25/09/2009

Mapa analisa proposta do setor produtivo do Estado

A diretoria do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) está analisando proposta feita pela Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso (Aprosoja) com relação à quantidade de milho adquirida pelas empresas nos leilões de Prêmio para o Escoamento da Produção (PEP). A sugestão é que as vendas sejam limitadas a duas mil toneladas por produtor rural, dessa forma mais produtores poderiam vender na oferta pública e as empresas, por sua vez, não concentrariam as compras em um só agricultor.

O presidente da Aprosoja esclarece ainda que a quantidade de duas mil toneladas por leilão não seria limitada ao produtor, e que ele poderia oferecer o quanto quisesse, porém o número de empresas compradoras é que seria maior.

Além disso, foi solicitada a realização de leilões de Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro). Neste, o produtor tem de comprovar a transação e caso isso não ocorra sofre penalidades, que vão desde multas até suspensão na participação de leilões.

Na região Médio-Norte do Mato Grosso, o milho está sendo comercializado por R\$ 8,00 a saca, preço bem abaixo do mínimo pago pelo Governo, que é de R\$ 13,20. Além disso, cerca de 500 mil toneladas estavam sendo armazenadas a céu aberto no Estado e com as chuvas muito deste produto foi perdido, ou teve de ser enviado às secadoras.

Fonte: A Gazeta, 27/09/2009

Soja: plantio avança com as chuvas e atinge 2,1% da área em MT

O plantio da soja avançou em Mato Grosso na semana passada, favorecido pelas chuvas. Segundo projeção do Instituto Mato-grossense de Economia Agrícola (IMEA), até a última quinta-feira foram semeados 123 mil hectares de soja, correspondente a 2,1% da área estimada para esta safra, de 5,589 milhões de hectares. Na mesma época do ano passado, 1,3% da área estava semeada. Técnicos do IMEA observam que os trabalhos de campo já começaram até em municípios que tradicionalmente não iniciavam o plantio nesta época. O primeiro município a iniciar o plantio foi Sapezal, um dos mais beneficiados pela chuva, até o momento.

O IMEA cita dados da Consultoria Somar Meteorologia, que apontam um acumulado de 11 dias de chuvas em Sapezal. No mesmo ritmo, Sorriso recebeu chuvas em todos os dias após 15 de setembro. O plantio da soja está mais adiantado no oeste do Estado, onde já foram semeados 30,7 mil hectares, que corresponde a 3,3% da área estimada para a região (930 mil hectares). O ritmo é inferior ao observado em igual período do ano passado, quando 3,9% da área estimada já estava semeada no oeste mato-grossense. No médio-norte, maior produtora de Mato Grosso, já foram semeados 71,4 mil hectares, em torno de 3% da área estimada em 2,380 milhões de hectares. Na mesma época do ano passado, o plantio na região correspondia a 1,3% da área estimada.

Fonte: Agência Estado, 28/09/2009

Comercialização de milho apresenta retração de 10% em Mato Grosso

A comercialização do milho produzido na safra 2008/09 fechou o mês de setembro 10 pontos percentuais menor do que o registrado no mesmo período da safra 2007/08. Dados divulgados pelo IMEA, mostram que no mês passado 47,8%, o equivalente a 4,066 milhões de toneladas do grão, haviam sido vendidas, contra 57,4% no mesmo mês de 2008.

Na safra 2008/09, Mato Grosso cultivou 1,676 milhões de hectares de milho, totalizando uma produção de 8,507 milhões de toneladas, liderando o ranking entre os Estados brasileiros que mais produziram este grão no último ciclo. Entretanto o mercado ficou saturado e o milho que tem um preço mínimo estipulado pelo Governo em R\$ 13,20, foi vendido por até R\$ 7,00 a saca.



O leilão de apoio à comercialização que deveria ocorrer no dia 1º deste mês foi cancelado. Seriam ofertadas 800 mil toneladas, das quais 590 mil são oriundas de Mato Grosso. A previsão era que a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) divulgasse o aviso do próximo leilão, o que não ocorreu. "Insistimos para que o Governo faça mais três leilões, para equilibrar a relação de oferta e demanda do produto no mercado. O que sobrar vai para exportação", considera Glauber Silveira da Silva (IMEA).

Fonte: Notícias Agrícolas, 05/10/2009

Sobra milho para pouco armazém

Colheita em fase final e demanda abaixo da oferta pressionam para baixo as cotações do cereal. De acordo com o Jornal Estado de Minas, o ritmo de comercialização do milho, este ano, está bastante lento e os preços do grão vêm registrando consecutivas quedas. Pesquisas do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da ESALQ/USP, mostram que, nesse cenário, os estoques estão bastante altos, havendo mesmo déficit de armazéns, com parte do grão deixada a céu aberto.

Quanto à colheita, apesar de estar em fase final nas principais regiões do Brasil, as chuvas têm atrapalhado o avanço dos trabalhos, especialmente no Sul do país. Daqui para frente, chuvas podem dificultar o tráfego de caminhões em algumas praças. Além disso, na maioria das regiões, as colheitas da soja e do próprio milho de verão iniciam-se em janeiro, quando os armazéns devem estar preparados para o recebimento do produto.

Conforme as pesquisas do Cepea, nas principais regiões produtoras do Brasil, especialmente naquelas em que há plantação de milho no verão (Sul e Sudeste), a relação entre custo e receita da safrinha não paga sequer os custos variáveis. De acordo com levantamentos do Cepea, faltam entre 25% e 30% da receita para fechar a conta. Para a safra de verão, considerando os custos e receitas atuais, a rentabilidade pode ficar positiva caso a produtividade permaneça na mesma média de anos anteriores.

Sem sustentação, os preços do milho pesquisados pelo Cepea voltam aos níveis observados em julho de 2007 (menor patamar daquele ano), antes da expressiva alta decorrente da produção de etanol nos Estados Unidos. No acumulado de agosto, houve recuo de 2,65%. Os atuais preços fazem com que o milho tenha menor rentabilidade em comparação a outras culturas concorrentes em área, especialmente a de soja, cujos preços têm se mantido em patamares considerados atrativos.

Somente a retomada mais intensa da demanda - doméstica, dos setores de aves e suínos, ou para exportação - pode dar alguma sustentação aos preços internos do milho, segundo os pesquisadores. No mercado de carnes, agentes consideram que o ritmo é considerado normal e que não há expectativas de grandes alterações para os próximos meses - exceto se houver um rápido aumento das exportações desses produtos. Entretanto, a estimativa de muitos analistas é que o consumo de carnes dos brasileiros continue sendo o principal canal de escoamento nos próximos anos.



Em relação às exportações de milho, o ritmo também é considerado lento, mas, desde o início de agosto, há maiores volumes registrados para embarque. O fato é que o vendedor tem poucas alternativas e mesmo com a paridade de exportação não sendo atrativa comparativamente ao mercado interno, o produtor que refutar propostas para exportação terá de carregar estoques para comercialização nos próximos meses. Na avaliação de muitos colaboradores do Cepea, se há compradores internacionais, não dá para ficar no aguardo de novidades. Pode até ser que alguns fundamentos se alterem, mas é preciso comparar o custo de carregamento dos estoques (custo de estocagem mais o de oportunidade) com a receita a ser obtida com a exportação. Atualmente, os embarques de milho estão previstos para Malásia, Chile, Senegal, Irã, Arábia Saudita, Argélia e Colômbia.

Fonte: Estado de Minas/ Notícias Agrícolas, 28/09/2009

Produção de soja cresceu 88,8% em dez anos

A cultura da soja foi a que mais se expandiu no país na última década. Com aumento de 88,8% na produção, foram produzidos, em 2006, 40,7 milhões de toneladas, em 15,6 milhões de hectares. A área colhida também teve aumento de 69,3%. Ao todo, a produção de soja gerou R\$ 17,1 bilhões para a economia brasileira. O grão foi cultivado em quase 216 mil propriedades.

Os dados foram apresentados no dia 1º de outubro pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e fazem parte do Censo Agropecuário 2006. O estudo traça uma radiografia do setor, analisando características dos 5,2 milhões de propriedades rurais do país e ainda dados dos produtores.

Com o desenvolvimento de novas variedades híbridas, que respondem melhor à adubação e são mais resistentes a pragas e doenças, o rendimento médio da produção de milho, que em 1985 foi de 1.476 kg/ha, atingiu 3.606 kg/ha em 2006, um crescimento de 144,3%. Em 2006, o milho foi cultivado em cerca de 2,0 milhões de estabelecimentos que produziram 42,3 milhões de toneladas em 11,7 milhões de hectares, alcançando R\$ 11,4 bilhões.

Fonte: Notícias Agrícolas, 02/10/2009